

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann


fascículo nº 17



Raul Ellwanger

Nelson Coelho de Castro



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANÇE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

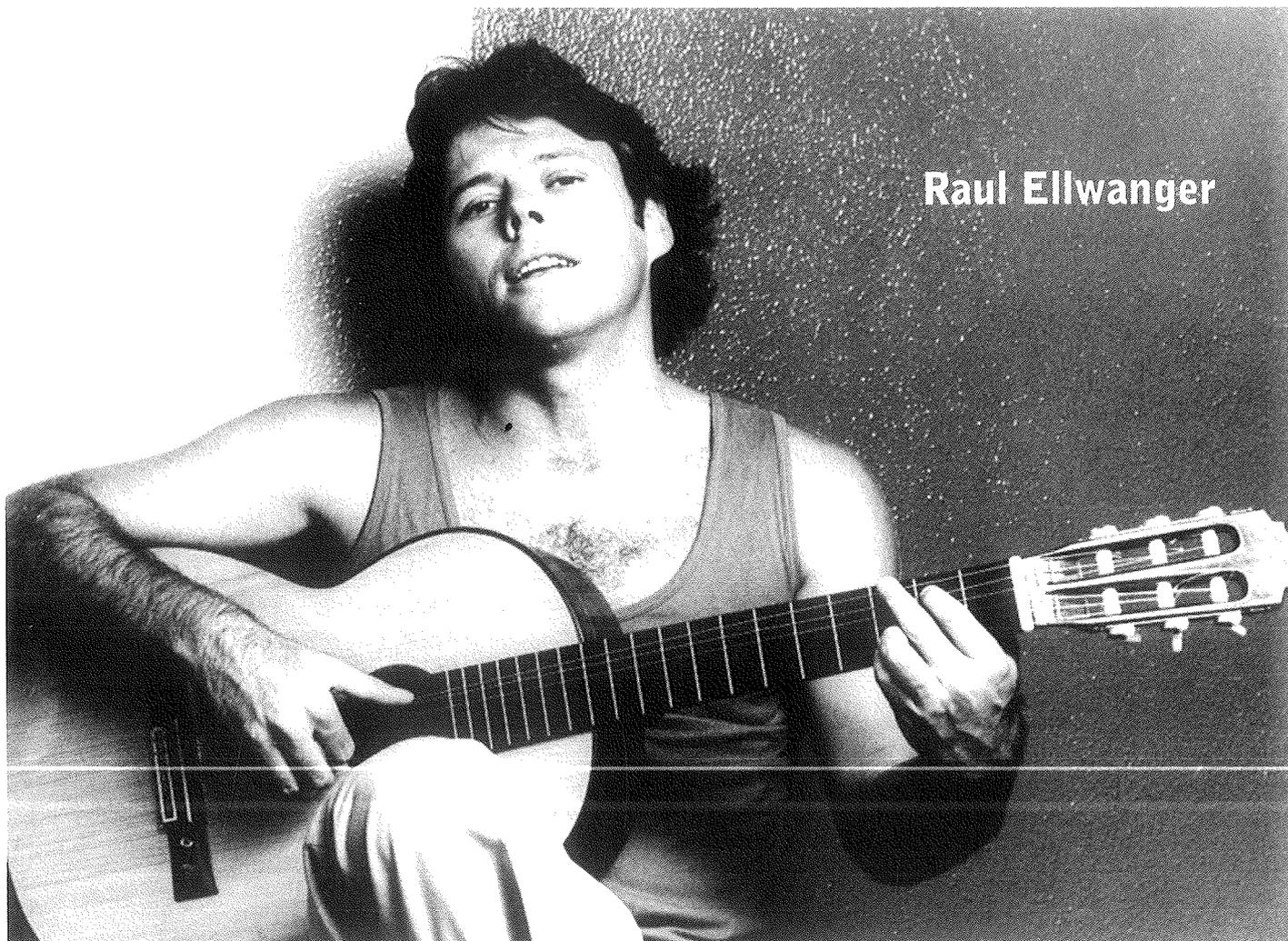
R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcançe.com.br / e-mail: alcançe@editoraalcançe.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Frões, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Raul Ellwanger

Raul Ellwanger tem uma história de vida que condiz com seu posicionamento crítico diante da música feita (e, principalmente, vendida) atualmente no Brasil. Seus primeiros passos na carreira artística se deram naquele ambiente rico em idéias e experimentações dos festivais estudantis de Porto Alegre, que deram origem a um movimento chamado Frente Gaúcha de Música Popular Brasileira. O período era a década de 60 e nosso artista, como militante engajado num grupo de esquerda, engrossa as fileiras de perseguidos pela ditadura militar brasileira. Uma temporada de exílio no Chile e outra na Argentina aproximaram Ellwanger do ambiente universitário e da música feita nestes países, o que acabou marcando toda sua trajetória como compositor e intérprete.

Na volta ao Brasil, Ellwanger se transformou num dos artistas que melhor representaram esta fusão de ritmos latinos, tão presente no Rio Grande do Sul e logo conquistou as platéias e os intérpretes nacionais. Não só brasileiros, como Elis Regina e Beth Carvalho, gravaram suas canções, como também nomes representativos da música latino-americana, entre os quais Mercedes Sosa, Pablo Milanez e León Gieco. As músicas de Ellwanger, invariavelmente, carregam sua experiência de vida e traduzem uma gama de sentimentos representativos de uma época na qual, como ele destaca nos depoimentos deste fascículo, as pessoas precisavam lutar pelos seus ideais e pela sua própria vida. Ele também se revela um tanto quanto decepcionado com o esquema comercial que tomou conta dos artistas e gravadoras nestas últimas décadas quando a moda e o consumo ditam as regras e o talento de um músico fica fora de qualquer lista de prioridades. Infelizmente, desde meados da década de 90, Ellwanger só aparece esporadicamente na cena musical gaúcha. Desiludido com a realidade atual, ele optou por viver na Praia do Rosa, onde encontrou outra fonte de renda e tem liberdade para pensar e tocar sua vida do jeito que acredita ser mais condizente com sua trajetória.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica: Raul Moura Ellwanger

Raul Ellwanger

1947 - Nasce em 17 de novembro, em Porto Alegre. Filho do farmacêutico Walmor Ellwanger e de Maria Amélia Moura, que tocava muito bem o acordeom. Passa a infância no bairro Moinhos de Vento e, aos seis anos de idade, começa a estudar piano com professora particular. Preferia, é claro, jogar futebol.

1953 - Ingressa no primário do IPA. Ali havia um grupo musical da escola chamado "Bando do Morro", formado por estudantes mais velhos. As apresentações deste grupo chamavam muito a atenção de Raul. Os integrantes eram seus ídolos.

1957 - Estuda piano no Instituto de Belas Artes. Achava mais interessante, porém, a viagem de bonde, do Moinhos de Vento até o centro, do que propriamente os estudos de piano.

1963 - Ingressa no curso clássico (II grau) do Colégio Anchieta. Já tocava seu piano descompromissadamente com amigos do bairro. Por esta época, forma um grupo com dois colegas (baixo e bateria) e faz algumas apresentações em clubes.

1966 - Ingressa na faculdade de Direito da PUC. Faz suas primeiras apresentações na universidade com grupos já formados dentro da própria PUC. Às sextas feiras, havia as rodas de samba da faculdade de Arquitetura da UFRGS (Arquisamba), e este mesmo pessoal também reunia-se no Clube de Cultura (rua Ramiro Barcelos).

Desses encontros entre estudantes e músicos profissionais criou-se um movimento denominado Frente Gaúcha de Música Popular Brasileira, do qual Raul passou a participar e a conhecer musicistas que o influenciaram, como João Palmeiro e Ivaldo Roque e, por força deste convívio, participa do 1º e 2º Festival Universitário de Porto Alegre.



1º Festival Universitário de Música Popular Brasileira.



II Festival Sul-Brasileiro da Canção Popular.

1967 - Passa a trabalhar como estagiário de Direito em questões trabalhistas e sindicais.

1968 - Entra na militância política junto ao grupo esquerdista Var-Palmares, atuando no meio estudantil e sindical, principalmente em apoio aos comandos de greve.

Participa do II Festival Sul-Brasileiro da Canção, etapa regional do Festival Nacional O Brasil Canta no Rio (TV Excelsior).

Sua canção *O Gaúcho* fica em segundo lugar, atrás de *Pandeiro de Prata*, que consagraria Túlio Piva. Na final, no Maracanãzinho, fica entre as doze finalistas e vai para o disco do festival. Seria a sua primeira gravação em disco.

1969 - Desde o AI-5, decretado em dezembro do ano anterior, recrudescia a repressão política no país. Os militantes do Var-Palmares (como os de outras organizações anti-governamentais) vão sendo presos sucessivamente. A maioria é barbaramente torturada e alguns desaparecem. O nome de Raul vem à baila e ele começa a ser acossado pelo DOI-CODI. Abandona a música e a faculdade e passa a viver clandestinamente em São Paulo.

1970 - O cerco aperta, e Raul foge para o Chile. Em Santiago, cursa Sociologia (que não conclui) e toca no meio universitário e em eventos de solidariedade.

1974 - Com a queda de Allende e a ascensão de Pinochet, é obrigado a escapar novamente. Desta vez para a Argentina, onde retoma os estudos de Sociologia e ingressa no Conservatório Municipal de Buenos Aires, estudando vários instrumentos, mas com especialização em violão clássico.

Passa a tocar na noite portenha e a viajar pelo interior com uma banda de carnaval formada por brasileiros, da qual Raul era o *crooner*. Dava aulas de música a domicílio. Forma o conjunto "Caldo de Cana", com



outros exilados. Torna-se uma espécie de âncora para os músicos brasileiros que vão à Argentina.

Conhece, deste modo, Vinícius de Moraes, Toquinho e Gilberto Gil, entre outros. Compõe quatro músicas em parceria com o poeta Ferreira Gullar, entre elas *Te Procuo Lá*, uma das mais conhecidas do seu repertório.

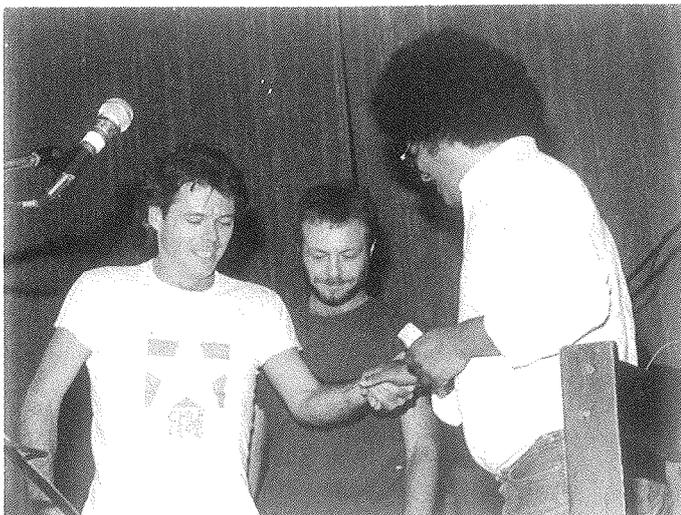
1977 - Retorna ao Brasil. Havia sido condenado à revelia pela Lei de Segurança Nacional. Em 77, a pena prescreve, possibilitando sua volta. Ainda assim, foi arbitrariamente detido no desembarque do Aeroporto Salgado Filho e mantido no cárcere por quinze dias.

Volta a tocar no circuito universitário e em shows coletivos, inclusive no ato-show promovido na Assembléia Legislativa em protesto pela prisão do Presidente do Sindicato dos Bancários/RS, Olívio Dutra.

1978 - A convite de Juarez Fonseca, grava as canções *Te Procuo Lá* e *Fronteiras* no célebre LP *Paralelo 30*, junto a Carlinhos Hartlieb, Nelson Coelho de Castro e outros. Realiza temporada de seis semanas no Teatro de Arena com o show "Fronteiras". Apresenta-se com sua banda, dividindo o palco com o "Utopia", na Assembléia Legislativa, em temporada de quatro semanas.

1979 - Lança, pela ISAEC, o LP *Teimoso e Vivo*. Neste disco, está a canção *Pialo de Sangue*, a mais conhecida de seu repertório, com mais de trinta gravações em cinco países.

1980 - Muda-se para São Paulo. Lança o disco *Raul Ellwanger* pela Bandeirantes Discos; na verdade o mesmo disco do ano anterior, acrescido da participação de Elis Regina na faixa *Pequeno Exilado*. Tem a música *Coração Catarina* incluída na trilha da novela *Meu Pé de Laranja-Lima*.



Com León Gieco e Pablo Milanez, na Argentina, em 1985.



1981 - Participa do MPB Shell com a música *Jacobina* (parceria com Luiz Coronel). Trabalha como produtor do selo Rodeio do consórcio Bandeirantes/Warner. Ali grava e produz vários discos de artistas como Pena Branca e Chavantino, Plauto Cruz e Cenair Maicá e mais de quinze coletâneas montadas a partir de fonogramas prontos, onde figuram Fernando Ribeiro, Talo Pereira, Bebeto Alves e Carlinhos Hartlieb entre outros.

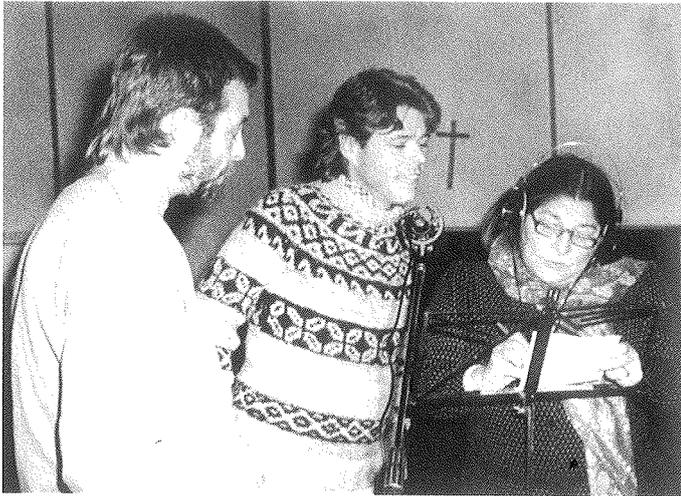
Organiza, com Paco Escajedo, um ciclo de shows por seis semanas nos Teatros de Câmara e Renascença (em POA) onde se apresentam doze grupos gaúchos.

1982 - Muda-se para o Rio de Janeiro. Deixa a atividade de produtor e passa a tocar em casas noturnas, universidades e teatros.

1984 - Grava o disco *Gaudério* (pela RBS/Som Livre) no Rio. Deste LP, três canções figuram entre as mais conhecidas de seu repertório: *Praia do Rosa*, *Cigana Tirana* (parceria com Pery Souza) e *Eu Só Peço a Deus* (versão sobre canção do argentino León Gieco).

1985 - Grava o LP *Portuñol* em Montevideo. Apresenta-se na Argentina em shows com Mercedes Sosa e o cubano Silvio Rodriguez, além de participar do Festival de Cosquin. Lança três discos simultaneamente em três países: *Gaudério*, no Brasil, *La Cuca del Hombre*, na Argentina e *Portuñol* no Uruguai.

1986 - Tem canções gravadas por Mercedes Sosa, León Gieco, Pablo Milanez, Antonio Tarragô Ros e Beth Carvalho. Passa a fazer shows na Argentina por conta do lançamento do disco *Portuñol*.



Com Mercedes Sosa

Depoimentos

" Hoje, no ano 2001, o destino dos artistas são os selos independentes, porque só existem três ou quatro grandes gravadoras que não dão a menor bola para a música brasileira. Qualquer música de boa qualidade tem dificuldades, não é só a música gaúcha. As grandes companhias já estão em franca derrocada. Já fiquei muito brabo com gravadoras, por não quererem lançar meus discos, mas hoje isso não tem mais sentido. Os músicos vão ter de criar os seus próprios caminhos."

" Nos anos 60, houve uma movimentação cultural muito importante aqui no Rio Grande do Sul. Era uma coisa ligada ao movimento mundial da juventude que reivindicava liberdade de expressão, sexual e etc. Quando veio o AI-5 em 68, houve uma debandada geral. Eu achei um ato heróico de quem ficou e batalhou, mas foi lamentável a perda de muitos talentos e compositores que não puderam desenvolver suas carreiras por causa da repressão política.

1987 - Apresenta-se no Uruguai, Argentina e Paraguai.

1988 - Apresenta-se em Cuba, no Festival de Varadero. Idealiza e dirige a I Latino Música (mostra de música popular latino-americana), em Pelotas.

1990/93 - Apresenta-se em shows e em festivais na França, Alemanha, Suíça, Holanda, Portugal, Uruguai e Argentina.

Lança o disco independente *Luar*. A canção *Pialo de Sangue* recebe versão em alemão.

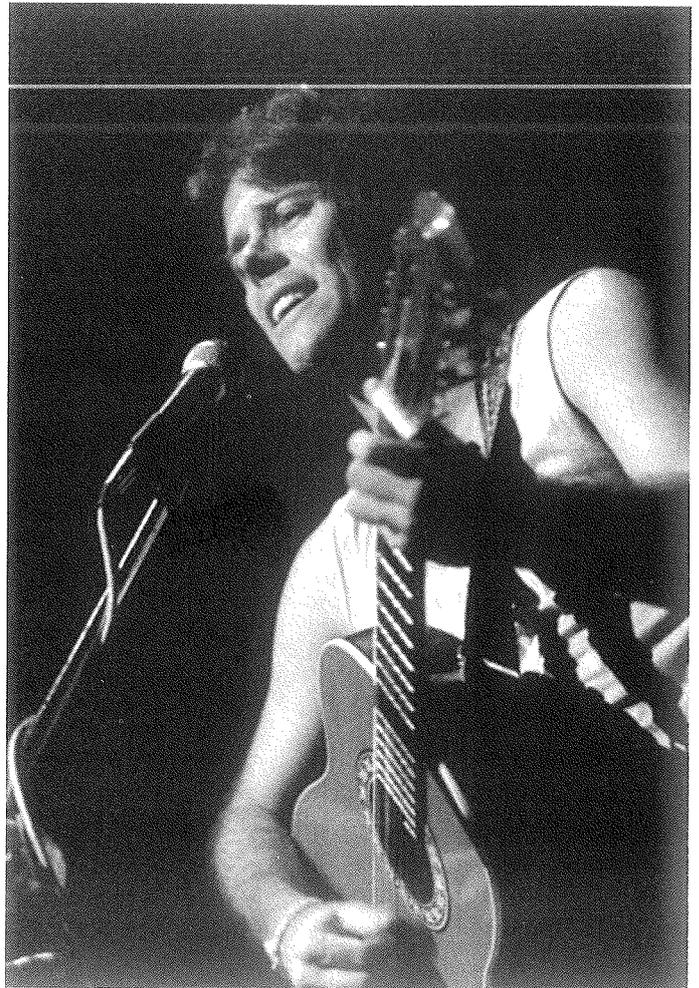
1994 - Abre uma pousada na Praia do Rosa, em Santa Catarina, chamada Estação Baleia, onde passa a residir.

1995 - Lançado em Miami (EUA) o disco *La Cuca del Hombre*, pela ANS Records.

2000 - Apresenta-se com a Orquestra da Unisinos. Grava o CD *Paralelo 30*, também com a Orquestra da Unisinos. Tem o CD *Gaudério* reeditado pelo selo Barulhinho de Porto Alegre.

Contabiliza parcerias com artistas nacionais, como Paulinho Tapajós, Ferreira Gullar, Vicente Barreto, Jerônimo Jardim, Pery Souza, e Paulinho do Pinho, além de versões de autores internacionais, como Pablo Neruda, León Gieco, Tarragô Ros, Pablo Milanez e Alfredo Zitarosa entre outros.

2001 - Participa da versão atualizada do disco *Paralelo 30*, com a "Orquestra da Unisinos", sob a direção do maestro José Pedro Boésio. O CD foi lançado com espetáculo no Teatro da Reitoria da UFRGS, em novembro.





Por outro lado, surgiu uma geração nova que se refugiou em festivais como a Califórnia. Já, para mim, pode até ter tido um lado bom, porque incorporei linguagens latinas e sul-americanas que talvez não tivesse visto tão de perto se não tivesse morado no Chile e na Argentina. Conviver intensamente com a música daqueles países foi um privilégio para mim, e isso se manifesta nos meus discos."

"Esses confrontos sobre modernização ou não da música gaúcha são antigos. Quando tirei segundo lugar com O Gaúcho, no Festival Sul-Brasileiro de 68, fui agredido por tradicionalistas. Tinha um cara chamado *Ciro Gavião* que, onde pudesse, falava mal de mim, dizia que eu estava misturando samba na música gaúcha, que isto era absurdo e etc.. Mas isso vem mesmo é dessa turma que detém o 'negócio' do nativismo. São comunicadores e produtores que têm um esquema montado para isso e não querem mudanças. Eu até acho que os gêneros musicais devem ser mesmo preservados. Não sou a favor da destruição das raízes, mas é evidente que a música evolui e os gêneros que se conside-

ram 'gaúchos' já são resultado da transformação de coisas que vêm de outros lugares. É claro que é importante preservar as origens e estudá-las, mas atacar a modernização é uma bobagem. A música é um espaço de liberdade de criação."

"Quando eu era criança, era fã da *Elis Regina*. Depois tive a oportunidade de conhecê-la aqui em *Porto Alegre* e ser gravado por ela em *São Paulo*. Se ela tivesse gravado mais autores gaúchos, seria bom para a nossa música, mas eu não culpo ela, porque o meio é muito difícil, tinha um esquema profissional ligado às grandes gravadoras; mas mesmo assim, ela sempre gravou novos autores e fez a carreira de muita gente. Ela nem precisava ter gravado a minha música nem a do *Jerônimo*; pra ela isso não faria diferença, para nós sim é que era um referencial."

"O mais importante para a música no período da ditadura militar era o elo de cumplicidade que se estabelecia com o público. As pessoas eram a favor





da anistia, da liberdade de expressão, contra o regime militar e identificavam nos artistas esses sentimentos. Aquela aura de resistência ao regime impregnava todo o ambiente, e as pessoas lotavam os shows, porque era uma maneira de se manifestarem. Era o público que se sentia representado. Para mim, isso era mais importante do que as composições. Depois a tal decadência da MPB que se fala tanto foi justamente porque deixou de existir essa empatia; as pessoas foram direto para os comícios exigir eleições diretas, e aí já era outra coisa."

" O golpe final na MPB clássica foi o Rock In Rio. A coisa parou no Djavan ou no Milton Nascimento. Aquele mega investimento de capital internacional marca a era da hegemonia de uma linguagem sobre as outras na música brasileira.

Eu acho que o Cazuzza como músico não tem o menor fundamento, assim como o Renato Russo não podia ser cantor; no entanto, são astros incrustados na memória musical do país. São frutos desse processo industrial que gerou depois outros modismos passageiros e acabou levando à derrocada do sistema fonográfico no Brasil. Não dá para comparar essas gerações, os compositores dos últimos 25 anos, com Chico Buarque ou Tom Jobim. Isso é coisa das gravadoras que estão sempre a fim de algum fenômeno de vendas. Elas procuram bases sociais que possam sustentar determinadas produções.

Por exemplo, esse falso sertanejo moderno vai ao encontro da moda do interior de São Paulo que tem grana para consumir e já não quer mais Pena Branca e Xavantinho.

Esse horripilante pagode atual vem das favelas paulistas, porque no Rio de Janeiro já é intolerável; lá se faz o samba de raiz. As gravadoras procuram usar essas coisas que funcionam em determinadas áreas e sabem que vai durar pouco tempo, porque o Brasil tem uma diversidade cultural muito forte e as culturas regionais acabam reagindo a isto."

" Conheci muitos músicos gaúchos radicados no exterior. Há vários músicos negros de Bagé, por exemplo, que moram em Buenos Aires e tocam samba. Não encontraram mercado aqui, foram para lá.

O Rio Grande do Sul tem uma identificação muito grande com o Brasil e também com os povos do Prata. Não dá para pensar no samba de Lupicínio sem saber que ele escutava o tango das rádios argentinas e por isso aquela coisa trágica da dor-de-cotovelo.

Por outro lado, ao mesmo tempo que temos um samba forte, a música gauchesca está, hoje, assimilando o bombo leguero ou o três quartos do chamamé que até

pouco tempo atrás era coisa de 'correntino'. Ora, a gente sabe que 'correntino' é sinônimo de ladrão e trapaceiro em grande parte do estado, mas o chamamé caiu no gosto popular e hoje predomina nos bailes. Quando organizei o Latino Música em Pelotas, sabia que havia essa necessidade de integração das culturas latinas. Isso é importante para nós como possibilidade de criação musical e de mercado. Agora, se essa integração não funcionar do ponto de vista econômico entre os governos e as grandes empresas, fica uma coisa esporádica, só no campo das boas intenções."

" A questão dos direitos autorais no Brasil é complexa. Os grandes veículos de comunicação não querem pagar os 2,5 % do seu faturamento, como diz a lei. Também os pequenos usuários, como bares e restaurantes, têm que pagar, mas são penalizados justamente porque os grandes devedores usam seu poder para não pagar.

Eles estimulam a divisão política das sociedades arrecadadoras desde 1917, quando surgiu a SBAT. Em 1970 eram onze sociedades. Nos anos 60, os compositores conseguiram centralizar tudo no ECAD, onde estas sociedades estão representadas. O que acontece é que, com as disputas internas, vem o enfraquecimento do ECAD que, não conseguindo fazer frente aos grandes devedores, procura se justificar apertando os pequenos usuários. Isso é injusto, porque na mesma noite em que o fiscal cobrou de um baile no interior, as grandes redes de TV deixaram de recolher milhões em direitos.

É claro que isto está errado, mas acabar com o ECAD não é a solução. Temos é que fazê-lo funcionar corretamente; do contrário, estaremos decretando o fim do direito autoral no Brasil depois de quase 100 anos de luta. Tem gente que quer aparecer por razões políticas e fica apenas denegrindo o direito autoral. Isso é um golpe velho e vulgar. O que precisamos é fazer com que o ECAD acerte o seu caminho."



Raul, com Homerinho Lopes e Paulinho do Pinho, no II Festival Sul-Brasileiro da Canção Popular.



Pialo de Sangue

Raul Ellwanger

VOZ

The musical score consists of eight staves of music. The first staff is labeled 'VOZ' and contains the vocal melody. Below the staves are various guitar chord diagrams and symbols, including G, A/G, D7/F#, G/F, C7+, D/C, Bm7, E9/G#, (E), Am, Am/G, F7+, Bb7+, B, D7/4, D7, G, A/G, D7/F#, G/F, C7+, D/C, Bm7, E9/G#, (E), Am, Am/G, F7, Bb7+, B, D7/4, D7, G, A/G, D7/F#, G/F, and D.S. y D.C.

Que mistérios trago no peito
 Que tristezas guardo comigo
 Se meu sangue é colono, é gaúcho
 Lá no campo é que encontra um abrigo
 O cheirinho de chuva na mata
 Me piala, me puxa pra lá

Quero só um pedaço de terra,
 Um ranquinho de santa fê,
 Milho verde, feijão, laranjeira,
 Lambari cutucando no pé,
 Noite alta o luzeiro alumiando,
 Um gaúcho sonhando de pé.

Quando será este meu sonho?
 Sei que um dia será novo dia
 Porém não cairá lá do céu
 Quem viver saberá que é possível,
 Quem lutar ganhará seu quinhão

Velho Rio Grande, velho Guaíba,
 Sei que um dia será novo dia
 Brotando em teu coração
 Quem viver saberá que é possível
 Quem lutar ganhará seu quinhão

Partitura cedida por Raul Ellwanger.



Hermanito de Batalla

Raul Ellwanger
versão: R. Ellwanger

Hermanito de batalla
 canta rock y chacarera
 no te asustes del canalla
 y canta la noche entera
 com el barro haces tu casa
 del maíz nace tu pan
 del roble nace tu barco
 de la miseria una canción
 con cabeza se vá lejos

con cabeza se vá lejos
 se hace el camino al andar.
 ...
 tu guitarra es tu cuchillo
 tu revuelta tu canción
 tu frontera mi pasillo
 tu ciudad una prisión
 cada cual con su ladrillo
 nuestro canto es construcción.

Partitura cedida por Raul Ellwanger.



Nelson Coelho de Castro



Nelson é um daqueles caras que tocam o coração da gente com sua música. Pode ser uma definição simples, mas foi isso o que senti na primeira vez em que coloquei um disco dele para tocar no meu "aparelho de som três em um". Eu devia ter uns 13 anos, morava no interior e acompanhava a movimentação musical porto-alegrense pelos jornais e pelo rádio. Não me lembro como aquele LP do Nelson foi parar na minha casa (era o segundo, aquele que tinha um lado que se chamava sol e o outro meio céu), mas aquela sensação de nunca ter ouvido coisa igual antes me acompanha até hoje.

Passados tantos anos, o Nelson continua sendo um artista original. Quando ele despontou no cenário musical porto-alegrense, no final da década de 70, a maioria dos músicos preenchia suas composições com ritmos regionais e latinos. E o Nelson, um cara totalmente urbano, nascido em Porto Alegre, fazia sambas e marchas com uma voz grave e muitas vezes sussurrada. E usava as palavras de uma maneira tão especial, tão generosa, que só podia chamar a atenção. E até hoje ele faz isso, fiel a um estilo, a uma trajetória. Apesar das tantas elaborações e facilidades musicais que existem atualmente, Nelson insiste (graças a Deus!) em nos oferecer músicas lapidadas, bem feitas, e com algo a dizer.

Nelson viveu tempos áureos no começo da década de 80 e perdeu espaço, como todos os bons fazedores de MPB, na virada dos 80 para os 90. Mas, nos últimos anos, voltou a ter a atenção que merece. Os belos sambas de *Verniz da Madrugada* (lançado em 1997) lhe renderam vários troféus no Prêmio Açorianos de Música daquele ano. Dividindo o palco com Bebeto, Gelson e Totonho foi o responsável pelos momentos mais tocantes do espetáculo "Juntos". Também foi um dos gaúchos selecionados para compor a representatividade sulista da Cartografia Musical Brasileira, projeto que fez uma varredura na música brasileira e registrou o que existe de melhor e mais original no país. E no CD *Da Pessoa*, que lançou em 2001, anunciou que está totalmente seguro e convicto do que faz. Vale a pena prestar atenção na faixa que abre o disco, *No Braço com a Vida*, na qual o compositor diz, em alto e bom som e na forma de samba, que "*Hoje já sei quem me guia, hoje já sei quem me quer/ Hoje já sei quem me vale, hoje já sei quem me é...*" Este é o Nelson, sincero e falante, que está sendo redescoberto pelas novas gerações.

Nas declarações deste fascículo, Nelson se diz preocupado com a perspectiva de que nenhum compositor da sua época será capaz de deixar um legado como o de Lupicínio. Pura modéstia. Nelson já tem uma grande obra, é um grande cronista do nosso tempo e ainda tem muitos anos pela frente para nos brindar com muito mais.

Esta página é uma colaboração de **Mônica Kanitz** - Jornalista



Cronologia Biográfica:

Nelson Carlos Coelho de Castro

Nelson Coelho de Castro

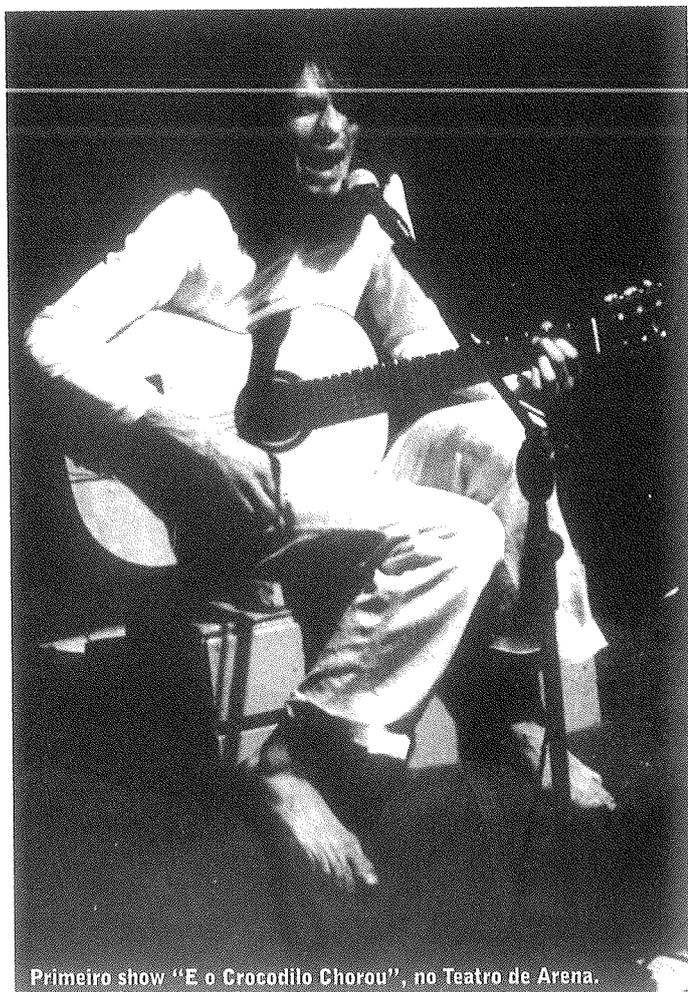
1954 - Nasce em Porto Alegre, a 17 de abril, filho de Eunice Coelho de Castro e Ulysses Pereira de Castro.

A vocação musical vem de casa, desde a avó que tocava violino até o pai e tio que tocavam gaita de boca. Na verdade, a cada reunião festiva, a família toda formava um grande coro muito organizado, com divisão em três ou quatro vozes.

1965/68 - Ao ingressar no curso primário, passa a integrar o coral infantil "Canarinhos do Colégio São João", cujo repertório eclético incluía desde Ary Barroso e Caymmi até a Jovem Guarda e música sacra.

Com este coral, Nelson viaja em apresentações pelo interior do RS, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo (onde participam do programa de Hebe Camargo).

Vencem, ainda, um festival de coros e gravam dois discos.



Primeiro show "E o Crocodilo Chorou", no Teatro de Arena.

1968 a 1970 - Muda-se para Curitiba, onde ganha o primeiro violão e conclui o ginásio. Em contato com os amigos do bairro, aprende a tocar MPB, Chico Buarque e Caetano Veloso.

1971 - Volta a Porto Alegre. Estuda no Colégio Padre Reus e tem aulas particulares de violão, começando por violão clássico com o prof. Jorge Peres, logo passando a estudar popular com o grande mestre Ivaldo Roque.

Começa a compor. Frequenta a noite, interessado na música ao vivo de bares, como Vinha D'Alho e Big Som.

1972 - Participa de festivais estudantis e comunitários.

1974 - Ingressa na Faculdade de Jornalismo (Famecos), viria a ser "foca" e assistente de produção do programa "Porto Visão" (TV Difusora). Estréia como compositor no projeto "Rodas de Som", promovido por Carlinhos Hartlieb, no Teatro de Arena.

1976 - Participa do festival universitário Musi-Puc com a música *Versos de Proa*; é gravada ao vivo (em fita) e passa a ser executada no programa "Mr. Lee in Concert" (Júlio Fürst), da Rádio Continental.

1977 - Conclui a faculdade e participa novamente do Musi-Puc, recebendo o prêmio de Originalidade pela música *Futebol*. Dedé Ribeiro e Luciano Alabarse produzem seu primeiro show, "E o Crocodilo Chorou", no Teatro de Arena, acompanhado por seu grupo "Olho da Rua".

1978 - Tem as canções *Rasa Calamidade* e *Águias* incluídas no histórico LP *Paralelo 30* (produzido por Juarez Fonseca).

Este disco reúne os destaques porto-alegrenses do final dos anos 70: Raul Ellwanger, Carlinhos Hartlieb, Cláudio Vera Cruz, Bebeto Alves e Nando D'Ávila, além de Nelson. Monta o show "Milagrezinho", que permanece em cartaz por sete semanas no Teatro de Arena.

1979 - Lança seu primeiro disco solo, um compacto pela ISAEC, com *Hei de Vencer* no lado B e no lado *A Faz a Cabeça*, canção bastante executada pelas rádios naquele ano. A esta altura, Nelson lotava teatros em suas apresentações e sentia a necessidade de produzir um LP.

1980/81 - Produz e executa o LP *Juntos*. Este disco é um marco histórico para a música do Rio Grande do Sul. Até então, o conceito que se tinha de um disco "independente" eram as chamadas "matérias pagas".



Vários autores como José Mendes (que chegou a montar seu próprio selo fonográfico) e alguns conjuntos, haviam produzido discos por conta própria.

Com o *Juntos*, Nelson inaugura uma nova atitude para o disco independente, adotando um sistema de vendas antecipada de bônus (inspirado pela escritora Ana Taborda, que usou este sistema para um livro e chamou de "nota promissora" ao invés de promissória), e assumindo uma postura definitiva.

Diferentemente dos discos "matéria paga", o artista passou a agir como se ele próprio fosse uma "gravadora", encarregando-se pessoalmente de todas as etapas da pré-produção até a distribuição e divulgação, com plena autoridade sobre todo o processo dentro do espectro da música urbana de Porto Alegre e da geração dos anos 70/80.

Isto viria a abrir um caminho alternativo que foi seguido posteriormente por muitos músicos, e tornou o RS o terceiro maior produtor de discos independentes do país no final do século XX.

1983 - Grava LP homônimo pela RGE. Destaca como momento marcante em sua vida, quando aproximadamente 25 mil pessoas entoam em coro a canção

Vim Vadiá, durante a gravação do programa "Música Popular Gaúcha" (RBS/TV), no Parque Marinha do Brasil.

Vence o I Festival Latino-Americano da Canção (Musicante de Santa Rosa/RS) com a canção *No Sangue da Terra Nada Guarani*, num momento de intensa polêmica na música do RS sobre a modernização da música regional. Recebe o Prêmio Tibicuera com o musical infantil "Cidade do Lugar Nenhum".

Participa da trilha sonora do filme "Verdes Anos", com a canção *Armadilha* (sua composição mais conhecida) e ganha o título de Personalidade do Ano pela crítica especializada.

1985 - Tem seu primeiro lançamento nacional com o disco *Força D'Água*, pela gravadora Ariola. Recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Trilha para Teatro, com a peça "Doce Vampiro", de Carlos Carvalho.

1987 - Integra o quadro de fundadores da Cooperativa de Músicos de Porto Alegre (Coompor), sendo eleito seu primeiro presidente (para o mandato de 87/89).

1989 - Conclui a década de 80, contabilizando diversas apresentações em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Santa Catarina e interior do RS.

1991 - Participa do espetáculo "Coompor canta Lupi", em homenagem a Lupicínio Rodrigues, interpretando *Esses Moços, Pobres Moços*. O show obtém sucesso na Capital e no interior do estado e resulta em LP do qual participam vários nomes destacados do cenário artístico gaúcho.

1993 a 1994 - Neste período, realiza mais de 150 apresentações em Universidades e Teatros do interior do RS, Santa Catarina e Paraná.



Com o grupo "Olho da Rua", em 1977, em Torres-RS.



1994 - A convite da Secretaria Municipal da Cultura/POA, produz o primeiro disco do compositor Giba Giba, intitulado *Outro Um*.

Participa da "Sessão Maldita" do Teatro Renascença e, no final do ano, realiza o show "Sambha", permanecendo em cartaz por três semanas no Teatro de Arena. Produz, ainda, o CD do percussionista De Santana.

1996 - Em maio, a Secretaria Municipal de Cultura/POA, relança em CD o álbum *Juntos* com concorrido show no Teatro Renascença.

No segundo semestre, apresenta-se no Festival Sud a Sul, em Sanary, França. No seu retorno, produz seu quarto disco de carreira, *Verniz da Madrugada* com o qual conquista três categorias do Prêmio Açorianos: Melhor Disco do Ano, Melhor Compositor e Melhor Disco de MPB.

1997 - Realiza uma série de espetáculos de divulgação de *Verniz da Madrugada* e integra o show "Juntos



Gastão Villeroy, Rafael Vernet, Nelson, Queço Fernandes, Gelson Oliveira, Edílson Ávila e De Santana.

ao Vivo", ao lado de Beбето Alves, Totonho Villeroy e Gelson Oliveira, conquistando o Prêmio Açorianos de Melhor Espetáculo.

1998 - O show "Juntos ao Vivo" é gravado durante as apresentações no Teatro de Arena, sendo o CD homônimo lançado no final do ano no Teatro da Reitoria da UFRGS.

1999 - Com o "Juntos", apresenta-se na Argentina, Uruguai e França em promoção da Prefeitura de Porto Alegre, com boa repercussão de crítica e público. O disco conquista duas categorias do Prêmio Açorianos: Disco do Ano e Disco de MPB.

2000 - Pelo Selo Barulhinho, lança o CD *Coletânea* com canções de seus discos de 79, 83 e 85.



2001 - Em disco promovido pelo projeto "Itaú Rumos Culturais", entra com duas músicas: *Colombina* e *Ele vem de manhã*. Começa a produzir seu quinto disco através do Fumproarte/SMC/POA.

Participa da nova versão do disco *Paralelo 30*, gravado com a "Orquestra da Unisinos", sob direção do maestro José Pedro Boésio.

O CD foi lançado com espetáculo no Teatro da Reitoria da UFRGS, em novembro.

Depoimentos

" Assim como existe a MPB e a sua história oficial, existe a Música Popular Gaúcha e sua história oficial. E ela está na rádio Continental ou na Princesa? A música dos carnavalescos dos arrabaldes de POA nunca foi aceita pela classe média como parte integrante da nossa história oficial.

Do mesmo modo, o Rio e São Paulo não consideram os estados periféricos (nós inclusive) como integrantes da história que eles elegem como 'oficial' da música brasileira, porque o cartório oficial da nossa história está no RJ desde a Corte Imperial.

É natural que o cara da Folha de São Paulo não consiga desviar seu foco para a música do RS; ele correria o risco de perder o emprego se fizesse isso, porque o envolvimento é tão grande com o que é feito lá, que não sobra para outra coisa."

" Nenhum veículo de comunicação nasce para 'dar força' à cultura local. O máximo que faz é aproveitar a cultura local. Isso é uma coisa natural e sem romantismo algum.

Até os anos 60, as rádios precisavam dos músicos e rádio-atores locais para, ao vivo, promoverem os produtos de seus anunciantes. Depois surgiu o tape e, em 61, acaba a necessidade de os artistas habitarem os corredores dos veículos de comunicação, porque os programas começam a vir prontos e o Norberto Baldaulf, 'Conjunto Farroupilha' e etc. começam a perder aqueles empregos.

Depois do tape, veio a transmissão via satélite; daí mesmo é que os artistas deixaram de conviver diretamente com os meios de comunicação, a não ser os contratados lá do eixo Rio-SP, onde estão as sedes destes veículos.



Nelson com o grupo "Olho da Rua".



Lá se vão quarenta anos em que pouco se sabe o que está acontecendo com a música gaúcha por meios de comunicação e sim pela ação direta dos artistas com o público. São muito 'ralos' os contatos com rádios e TVs. A nossa inserção se dá mais por jornais."

" Tenho inveja do pessoal dos anos 60, que teve uma carpintaria musical sob a influência da bossa-nova."

" A minha geração precisa compor Jardineira ou Esses Moços antes de pedir inscrição na história da MPB, e isso nós ainda não fizemos.

Aí me vem uma angústia: será que a nossa geração vai ser capaz de deixar um legado como o de Lupicínio? Será que vamos ter esta categoria (e essa petulância)? Se eu pegar todos os compositores - eu disse todos - da minha geração no Brasil, ainda assim não ouvi algo como Esses Moços.

Cada geração tem o cronista e compositor que merece. A nossa geração tem o mérito de, com muito esforço, conseguir formar pelo menos um tecido musical no Rio Grande do Sul, incluindo aí também os nativistas, mas não temos ainda um gênio à altura de Lupicínio, assim como no futebol brasileiro, em quase meio século, ainda não apareceu um Pelé.

Mas, pelo menos, a gente conseguiu ter uma produção própria e ficar livre de, no baile da cidade, ter que cantar Cidade Maravilhosa, mesmo com uma execução constrangedoramente pequena das nossas músicas em rádio. Em 25 anos de carreira, cada um de nós não tem meia hora de TV comercial, por exemplo."

" Esta dependência caótica ao destino (ou à sorte dos referidos conspiradores conspirarem ou não) pro-



Fotos cedidas por Nelson Coelho de Castro e Decé Ribeiro.

Nelson com Beбето Alves, Gelson Oliveira e Totonho Villeroy (Juntos).

duziu uma fragilidade amadora que luta até hoje pela mínima permanência em seu próprio sítio. No entanto, as vitórias são tantas e táteis. O reconhecimento do público, por vezes, emociona. Por outro lado, o reconhecimento financeiro ainda é parco, aviltante, estúpido."

" Penso que, antes da angústia provinciana de finalmente nossa inserção no Cartório Nacional da MPB, nos cabe é cumprir a tarefa que nossos mestres nos legaram.

Uma tarefa que não é pouca empresa: compor a trilha sonora de uma geração. Este é o primeiro compromisso da música de uma cidade, para que esta fique preñe de caráter, história e altivez.

Isto nós estamos fazendo. Se nascemos com a vocação de fazer música e também nossa própria estrada para transitar, que assim seja. Somos lida. Somos lira."

" O saldo, 30 anos depois (ao sabor das modas,

das ondas e marolas da hora) para a MPB feita aqui, é positivo: o autofomento da grande produção de alguns selos e discos independentes de artistas gaúchos traduzem isso. O inusitado: o estar na borda do epicentro da indústria do entretenimento nacional vai ser fundamental para a produção de um cancionero diversificado e fóbico à urgência da classificação: como é a música gaúcha afinal? A fruição pelo autoral garantiu, até agora, a nossa cara."

" A vitalidade da música popular gaúcha, de 70 para cá, sempre dependeu dos seus próprios músicos, compositores e intérpretes, além de específicos conspiradores decisivos (jornalistas, artistas, ilustres anônimos e afeiçoados) em lugares decisivos (mídia, estamento, sucursais de gravadoras e alhures).

A ausência esférica de algum tipo de inércia industrial na área da cultura do RS fez com que as bases da música (e arte) local fossem soerguidas sobre a solidão destas palafitas românticas."



Zé - Aquele Tempo do Julinho

Nelson Coelho de Castro

Musical score for 'Zé - Aquele Tempo do Julinho' in 2/4 time. The score consists of two staves of music with lyrics underneath. The first staff starts at measure 1 and ends at measure 9. The second staff starts at measure 10 and ends at measure 18. Chords are indicated above the notes: A7, Dm, G, C, Am, Dm, G, E7, Am.

1
A QUE LE TEM PO DO JU LI NHO EU. JA MAIS VOU ES QUE CER EU PEN

10
SEI QUE E RAUM FIL ME BU JA MAIS I REI ME VER

Aquele tempo do Julinho eu jamais vou esquecer
 Eu pensei que era um filme
 Eu jamais irei me ver
 Eu tenho um picho pra cair
 Eu tava afim dum futebol
 Eu voltava a pé do centro
 Tu tá ficando é pirol
 Vamos lá na mesma boca
 Pra mim o tempo não passou
 Eu não me lembro mais de nada
 Mas foi aqui que começou
 Vamos armar uma jogada, né

Vamo virá o mundo então
 A saudade nos matou di vez
 Ingordou meu coração
 Olha aí, vô dá uma banda
 A gente espera por aqui
 Eu vô transá um lance agora
 Direpente eu volto aí

Mas a vida continua
 Eu não me lembro que sonhei
 Di paixão eu morro sempre
 E eu jamais mi enganei
 Já tamo até acostumado, né

Com as línguas do país
 E muita trolha na jogada, né

Ainda penso em ser feliz
 Mas como o Zé tá demorando
 Minha cabeça vai doer
 Olha aí tão escutando
 Tem um treme pra si ver
 Tá baixando um pau na esquina
 I são dez pra cacetizar
 Tão dimulindo aquele cara
 Vamos assistir assassinar
 Olha lá que é o Zé, meu Deus
 I ele já nem grita mais
 E nós tamo aqui parado, né

I este choro pelo gás
 E tá pintando aquele medo
 Vamos nós fazer o quê?
 Tá subindo aquela raiva
 Da obriga por correr
 Adeus, pavor vamo brigá

Até o fim até si dar
 Vamos lá, vamos nós
 O desespero ainda resta bonito, Zé

Vamo brigá vazando fel
 Vamos brigá com a raiva toda, Zé

Fica olhando aí do céu.

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Armadilha

Nelson Coelho de Castro e Dedé Ribeiro

1 *Em* FAL TA POU CO TEM POEU SEI *Am* MAS QUAN DOA *B7* GEN TE É PE QUE NO *Am* O TEM PO CUS TA PRA PAS

6 *B7* SAR *Em* TAM BÉM A GEN TE *Em* PO DE CRES CER NÃO É PRE CI SO QUE ME DI GAS SE TEM AL

11 *Am7* GUÉM *B7* A TRÁS DA POR TA *Am* ES PE RAN DO PRAA TA *B7* CAR E CUM PRIR *Em* AR MA DI LIAR E

17 *Em* BE CE BER O BEI IO ERIO *Am* DA LĂ MI NA NO *B7* CO RA ÇĂO *Am* E CO MOHA BI TO DE SER *B7* EN XU GOĂ

23 *Em* LĂ *D* Ă LĂ MI NA *G* NĂO RE PA RA NO CUS PE QUE SAI *B7* NO VEN TO VEN TA A

28 *Em* MI NHA VON TA DE *E7* VA MO BO TĂ NO *Am* BRAN CĂES TE PRE TO

31 *D* CAM BA DA *G* DE FĂ TĂ NA MĂO *B7* QUE SEI *Em* DA LI MA GROS SA SEI DA

35 *B7* LE NHA *Em* MI NHA PAI XĂO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") / Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kleidir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Bolcadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

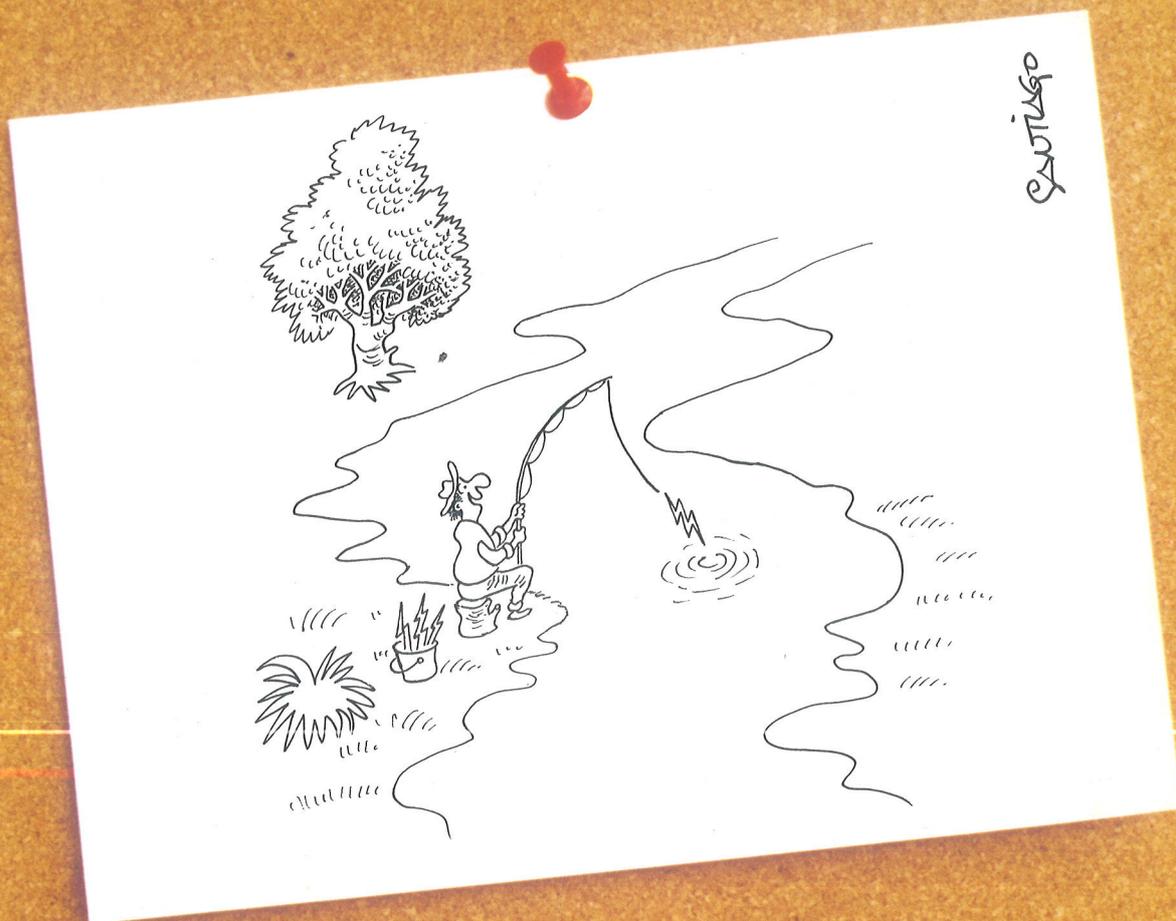
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kleidir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura